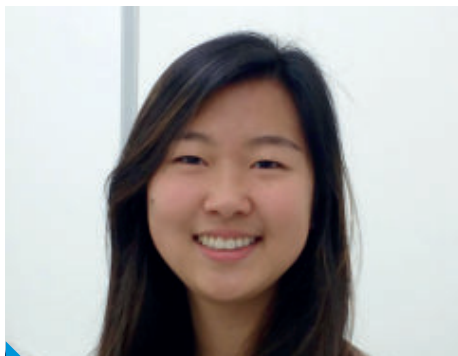


ENTREVISTA


Karina Mie Futino Miyaura
Em 2015: Etapa
Em 2016: Engenharia Química – USP

JV – Desde quando você pensava em seguir Engenharia?

Karina – Sempre senti que eu era de Exatas. Minha base no Fundamental para Exatas foi muito forte. Quando tive o primeiro contato com Química, no 9º ano, gostei muito. Já gostava de Matemática e com a Química falei: “Tenho que ir para a área de Engenharia.”

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Vários. Prestei Enem, Unicamp, Unesp, Unifesp, FEI e Mackenzie. Todos para Engenharia Química, menos Mackenzie. Lá não tem Engenharia Química; prestei para Engenharia de Materiais. Fui aprovada em todos. Uns na primeira chamada, outros na segunda.

A Poli era sua primeira opção?

Achava que não tinha chance de passar na Poli e não foquei em um vestibular. No que passasse, eu iria.

Como você entrou no cursinho no ano passado? Qual era sua motivação?

Eu estava meio chateada por não ter passado para a 2ª fase em nenhum vestibular quando terminei o Ensino Médio em 2014. No Ensino Médio eu tive uma base muito fraca. Fiz os vestibulares e caí na real: eu precisava estudar muito mais, ou nunca ia passar. No ano passado vim para o Etapa.

No cursinho, como era sua rotina?

Eu gostava de voltar para casa depois das aulas, para ficar tranquila no meu espaço e me

“Eu saí da Fuvest arrasada porque achei Matemática muito difícil. Falei: ‘Já era.’”

Karina Mie Futino Miyaura entrou na Engenharia Química da Poli. Ao terminar o Ensino Médio ela não chegou à 2ª fase de nenhum vestibular. Este ano foi aprovada em seis faculdades – e ela achava que entrar na Poli era um sonho, não imaginava que iria conseguir. Aqui ela relata como se dedicou para superar dificuldades nas matérias e diz como se surpreendeu com a boa infraestrutura da Poli e as relações humanas na USP.

concentrar. Chegava em casa à 1 e meia, almoçava e dormia mais ou menos uma hora. Aquilo me renovava para estudar das 3, 3 e meia da tarde até 10, 11 horas da noite.

Qual era seu método de estudo?

Tudo que os professores passavam no dia eu tentava fazer. Óbvio que não dava para fazer todos os exercícios de Exatas, mas a grande maioria eu tentava.

E as matérias de Humanas?

Eu lia um pouco no caminho, no ônibus, no metrô. Tanto as obras literárias obrigatórias como a parte teórica de Humanas.

No final de semana você estudava também?

Sábado de manhã eu fazia o Reforço. Sábado à tarde eu fazia curso de japonês; ainda faço. Chegava em casa, estudava mais um pouco. Sábado à noite eu não conseguia estudar mais. No domingo eu vinha ao simulado e depois estudava em casa o resto do dia, até as 10 da noite.

Em qual matéria você tinha uma base mais forte?

Em nenhuma. Eu sou de Exatas, mas gostar é diferente de ir bem. Em Matemática eu tinha muita dificuldade. Achava as questões de Geometria, Trigonometria muito difíceis. Facilidade mesmo eu tinha em Literatura.

Em que matérias você tinha mais dificuldades?

Além de Matemática, História e Geografia para mim sempre foram um desastre. Achava im-

possíveis as questões escritas de História e Geografia.

Você treinou Redação ao longo do ano?

Na verdade, treinei bem pouco. As dos simulados eu fazia todas, as de Enem. As que o professor passava na aula eu só fazia o que era para entregar e corrigir. Cheguei a fazer algumas do Reforço.

Como você ia nos simulados?

A maioria era C mais. Teve C menos também. Em geral eu ia melhor nos simulados da 2ª fase, apareciam uns B com mais frequência.

Você achava que estava bem com os C mais para a Poli?

Eu achava que precisava ficar pelo menos no B. Para mim, chegar no B era uma grande vitória.

Como o simulado foi importante nos seus estudos e no vestibular?

Simulado para mim era tudo. Eu vinha fazer todo domingo. Em cada simulado você vai testando um jeito diferente de fazer, para no vestibular aplicar o jeito melhor. Testava começar por Exatas, começar por Humanas, por Biológicas. Para mim o jeito que funcionou foi começar por Exatas. Fazia assim: cinco questões de uma, cinco questões de outra. E os simulados foram importantes também para calcular o tempo e para aprender a passar o gabarito.

Qual a diferença entre só ler as obras e além de ler assistir às palestras sobre elas?

Acho que tem que fazer as duas coisas. Ler a obra e depois ir para a palestra. Só lendo

ENTREVISTA

Karina Mie Futino Miyaura

1
SOBRE AS PALAVRAS

“A arte é uma mentira que revela uma verdade”

6
POIS É, POESIA

Seleta modernista

7
CONTO

O ladrão – Mário de Andrade

3
ENTRE PARÊNTESES

Um trabalho...

6
SERVIÇO DE VESTIBULAR

Inscrições

8
ARTIGO

Cenários de expansão da malária na América do Sul até 2070

5

eu não entendia nada porque é muito difícil o vocabulário da época em que foram escritas; tudo é muito diferente do que você está acostumado. Eu lia por ler, porque entender mesmo eu não entendia. A palestra é uma espécie de tradução que os professores fazem: "Olha, aquela passagem quer dizer isto, aquela outra é uma referência a tal coisa". Com esses links que os professores davam começava a fazer sentido o que eu tinha lido.

Que épocas foram mais cansativas para você?

Antes das férias foi bem puxado. Estava tudo acumulado. E também em maio, quando tem muita palestra. Agosto também foi bem puxado. Vinha todos os dias para o Etapa. De domingo a domingo.

O que você fez nas férias de julho?

Estudei e descansei. Teve dias que eu saí, mas também dormi bastante. O estudo foi num ritmo mais tranquilo.

Para relaxar, você tinha alguma atividade?

Eu gostava de estudar japonês. Para falar a verdade, eu ia ao curso sábado à tarde encontrar os amigos. No Etapa, em dia de palestra eu ia almoçar com minhas amigas. Achava superlegal estarmos juntas, conversar. Davo para ficar mais leve.

Na 1ª fase da Fuvest, quantos pontos você fez?

Acertei 68 questões. O corte de Engenharia foi 60.

O que você achou desse resultado?

Eu saí da Fuvest arrasada porque achei Matemática muito difícil. Falei: "Já era". Mas ao corrigir o gabarito vi que não tinha errado tanto assim. Quando contei 68 acertos, comecei a chorar de alegria.

Para a 2ª fase você mudou seu método de estudo?

Não, mantive o mesmo ritmo. Continuei a estudar até 10 horas da noite. Diferente, só fiz tudo mais organizado. Na 1ª fase eu fazia todas as questões em Post-it e colava onde tinha o exercício. Se não soubesse fazer já tinha deixado anotado. Para mim era muito mais difícil fazer num caderno e anotar a questão; eu me perdia naquilo. Só que para a 2ª fase não tem como fazer uma questão disertativa num pedaço de papel pequeno. Fiz no caderno mesmo. A mudança foi essa, de Post-it para caderno, numa folha com espaço ideal para escrever, o espaço que você vai ter na prova. Foi isso.

Deu prioridade para as matérias de Engenharia – Matemática, Física e Química – ou continuou estudando todas as matérias com a mesma intensidade?

Dei atenção às prioritárias, mas também a História, Geografia e Português.

Na 2ª fase, quanto você tirou na prova do primeiro dia, com questões de Português e Redação?

Na Redação eu tirei 80. Não sei como. Nunca ia bem nas redações, nunca tive facilidade de escrever. Eu sabia que tinha que treinar, mas

não conseguia. Mas acho que dei sorte pelo tema. Foi utopia o tema. Já tinha lido três livros sobre distopia. Consegui encaixar os três na minha redação. Mas na parte dos exercícios de Português eu fui mal. Acho que tirei 60. De média fiquei com 70.

No segundo dia, na prova geral, como foi?

Tirei 74 ou 76. Achei bem difícil, uma prova inesperada. Fiquei procurando Biologia; não tinha Biologia na prova. Caiu Português, que não devia estar lá.

No terceiro dia, das prioritárias, Matemática, Física e Química, qual foi sua nota?

Tirei 79. Conheço gente que tirou 100 naquela prova. Mas para mim nunca foi assim de gabaritar em Exatas. Nos três dias fui mediana em tudo.

Na carreira Engenharia da Poli, como você se classificou?

393. São 870 vagas.

O que você achou desse resultado?

Fiquei muito feliz. A Poli era um sonho. Não imaginava que ia entrar.

Como ficou sabendo de sua aprovação na Poli?

Na véspera do dia da lista eu estava muito ansiosa. De manhã, meu pai me acordou e disse que eu tinha passado. Pensei que ele devia ter lido a lista errada ou que não tinha sido na minha primeira opção. No computador vi que tinha passado na primeira opção e comecei a chorar. Foi um dia muito bom. Vim para cá depois e cheguei no final da festa. Deu para pegar a camiseta e depois ficar com o pessoal da Poli [a banda da Poli estava na festa].

Nos outros vestibulares, como foi?

Na Unicamp e na Unifesp eu passei na segunda chamada. Na Unesp passei na 8ª classificação e no Mackenzie fui a 1ª colocada. Na FEI ganhei bolsa integral e se tudo desse errado, já estava lá.

Você já conhecia a Poli?

Só conheci no dia da matrícula. Fui com meu pai. Lá conheci umas pessoas que não eram do meu curso e compartilhamos a felicidade de ter passado. Falo com elas até hoje. É muito boa essa sensação. Foi muito legal.

O que você tem de matérias neste segundo semestre?

São as matérias que todas as engenharias têm: Física, Cálculo, Álgebra Linear, Mecânica. E tem as específicas para Química: Termodinâmica Química e Conservação de Massa/Energia. E tenho mais Introdução a Ciências dos Materiais. Nos dois primeiros anos, o biênio, o curso é semestral, junto com outras Engenharias. No 3º ano passa a quadrimestral. Os dois primeiros quadrimestres são de aula, oito meses seguidos de aula. No último quadrimestre é estágio.

Além das aulas, o que mais você está fazendo na Poli?

Estou jogando softbol, duas vezes por semana, à noite. A gente treina em Cotia. No Cepeusp não tem como treinar softbol. É o que faço para desestressar. Todo mundo fala

que se levar só a Poli você não vai aguentar. Tem que fazer qualquer coisa. E lá tem muita coisa mesmo. No começo eu queria fazer tudo, queria fazer francês, grupo de extensão. Mas depois você vai vendo que não dá tempo.

Do que você gostou mais na Poli na parte de estrutura?

Eu fiquei bem surpresa com a estrutura. Muita gente falava que a USP está sucateada, que a Poli está ruim e eu nunca imaginei que ia entrar numa sala que tivesse computadores novinhos para a gente usar, ar-condicionado, projetor, carteira bonitinha. Em termos de infraestrutura eu fiquei bem surpresa.

E na parte humana?

Eu gostei muito da parte humana porque você pode interagir com as pessoas das outras engenharias. Isso é muito legal. E pode conhecer cursos de outras faculdades também. Tem optativas na ECA, na FAU, no IME. Você não está só na Poli, está na USP.

Você tem ideia da área que pretende seguir?

Estou ainda descobrindo, testando o que eu gosto. É muito amplo, dá para fazer muitas coisas. Engenheiro químico trabalha em indústria. Os veteranos falam que a gente não tem Engenharia Química, tem Engenharia de Processo Industrial. Se você for para lá pensando que vai ficar mexendo em laboratório, tubo de ensaio, não é isso.

O que você pode dizer a quem vai prestar vestibular neste ano, para aproveitar da melhor maneira possível a reta final para os exames?

É uma fase muito difícil, mas se você se esforçou até agora tem que continuar com força até o final.

O que mudou em você com o cursinho?

Você fica mais responsável. Amadureceu também a ideia do curso que eu queria, porque é muito difícil escolher o curso com 17, 18 anos. No cursinho você aprende a estudar. Aprende a focar, a ter uma meta, a batalhar por uma boa causa.

Que recordações você tem do ano passado?

Aqui o diferencial eram as aulas, muito boas. Nunca aprendi Física no Ensino Médio; aqui aprendi. O professor explicava, eu entendia a matéria, fazia exercícios, via que estava evoluindo. Era gratificante.

Que dica você pode dar a quem não passou no vestibular no ano passado?

Para não desistir e seguir o seu sonho. Qualquer um pode passar, eu passei, mas tem que focar, ter disciplina, tem que ir às palestras, às aulas de Reforço. Tem que continuar na luta.

Mais alguma coisa para dizer aos alunos atuais?

Querida convidar as meninas para fazerem Engenharia. Na Poli os meninos ainda são maioria, mas Engenharia não é profissão só de homem. Não tem isso, venham fazer Engenharia!